

O convite para produzir uma apresentação ao número 42 da Interface é mais um desses desafios que se nos apresentam e que nos deixam inicialmente com a sensação de impotência diante da grandeza da tarefa. Mais desafiador ainda o fato de haver uma predominância de artigos referidos ao campo da educação em saúde, o que significa assumir uma responsabilidade de transitar entre uma disciplina/um campo e outra/o, enfrentando a complexidade de ambas/os e a dificuldade de identificar os respectivos limites. Os artigos, resumos de teses e as resenhas deste número cumprem esse papel de forma significativa, trazendo para o campo contribuições relevantes.

Um estudo da produção científica indexada na base de dados Lilacs (Casotti, 2009)¹, com o descritor *educação em saúde*, no período de 2000-08 revelou dados importantes sobre esse campo. Entre eles destacam-se: 1) há fragilidade, numa avaliação do conjunto de artigos, no domínio metodológico, com muitos relatos de experiências sem de fato haver um processamento reflexivo dos dados observados e coletados nas atividades práticas, ou seja, sem marco teórico-metodológico explícito, e; 2) tomando, indiretamente, como referência o fato de que a produção está localizada em periódicos bem avaliados institucionalmente, é inquestionável que houve avanços nas últimas décadas, o que indica um movimento de agregação e qualificação do conhecimento na área, suplantando sua face exclusiva de prática social e criando questões no âmbito da ciência. Em síntese, o estudo mostra que

o estado atual da arte de um campo científico de educação em saúde, considerando a incipiência da sua emergência, ainda é um espaço povoado de muitas interrogações e indefinições. A escassa produção sobre a constituição da disciplina, a despeito do número substantivo de publicações, ainda carece de investimentos que atendam a uma maior integração dos domínios epistemológico, conceitual e metodológico. (Casotti, 2009)

O que, então, podemos destacar das matérias que se apresentam e que podem agregar valor ao campo da educação em saúde?

O artigo que discute a promoção da saúde pelo viés da noção de hipossuficiência dos sujeitos, e o que traz informações importantes sobre as representações de menopausa, vivências e processos de cuidado relativos a essa fase da vida servem como reflexões a serem incluídas no campo. Na linha de preocupação com o corpo, o artigo sobre o uso do metilfenidato como um "objeto de consumo curto e rápido, parceiro conectável e desconectável ao alcance das mãos, tornando-se dispositivo de prazeres efêmeros, fabricado e comercializado como medicamento" aborda uma questão que pode se tornar um problema de saúde pública. Ainda nesta mesma linha das representações sobre as mudanças corporais da menopausa, estão os artigos que tratam dos(as) transexuais que "exibem uma discordância entre sexo biológico e gênero" e, em decorrência, buscam harmonia com seus corpos; d-os obesos e a luta que travam entre sua representação corporal e "os imperativos de estética corporal veiculados no mundo contemporâneo"; e, ao mesmo tempo, o que trata da possibilidade real de prática da yoga no Sistema Único de Saúde como uma das saídas para o atendimento do conceito ampliado de saúde, que, conforme Scliar (2007)² "reflete a conjuntura social, econômica, política e cultural. Ou seja: saúde não representa a mesma coisa para todas as pessoas. Dependerá da época, do lugar, da classe social", e não mais a ausência de doença, como durante muito tempo foi compreendido. Na verdade, essas matérias transitam em espaços pouco

¹ CASOTTI, E. Educação em saúde: reflexão preliminar sobre a constituição do campo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 7., Florianópolis, 2009. **Anais...** Florianópolis, 2009. 1 cd-rom.

² SCLIAR, M.. História do conceito de saúde. **Physis**, v.17, n.1, p.29-41, 2007.

explorados, mas importantes na medida em que traduzem relações entre sujeitos nos processos de produção em saúde, que revelam identidades e diferenças, elementos fundamentais para se compreender o campo da educação em saúde. Aliás, em “Imagens do diverso” voltam as questões relativas a corpo, gênero, sexualidade e diversidade.

O conjunto de artigos referentes à formação dos profissionais de saúde revela a efervescência da área: medicina, odontologia, terapia ocupacional, Bacharelado Interdisciplinar em Saúde (BIS), naturologia são algumas das profissões que estão analisadas do ponto de vista dos seus currículos, projetos pedagógicos, objetivos e seus métodos, em especial a discussão sobre os cenários de aprendizagem para além dos hospitais de ensino. E não só do ponto de vista dos processos de ensino e de aprendizagem como também do exercício da profissão e as consequências, em alguns casos, das condições ou mesmo da precarização do trabalho na área, durante a formação (o caso dos alunos de Enfermagem) e no ambiente de trabalho (o caso dos Agentes Comunitários de Saúde). No campo da saúde mental, os artigos trazem contribuições para o trabalho no serviço, tanto o que apresenta os resultados de uma proposta de apoio matricial em diferentes serviços do município de Campinas, quanto o que descreve experiências inovadoras sobre o acolhimento ao sofrimento psíquico nas unidades básicas de saúde. Ainda neste campo, discute-se o apoio familiar ao doente reinternado, assunto relevante e relativamente pouco discutido na literatura.

Em “Espaço Aberto” temos uma importante discussão sobre uma questão considerada “nó crítico” na formação dos profissionais de saúde: a fragmentação entre práticas desenvolvidas em serviços de saúde e saberes produzidos no contexto acadêmico, uma questão que vem presidindo debates sobre inovações curriculares, sobretudo com a inserção dos alunos em diferentes cenários de aprendizagem.

Desse modo, deixamos nas mãos dos leitores esse conjunto de textos que, se não filiados a um tema único, acabam por compor uma espécie de teia onde se mesclam conceitos e práticas que dão substância ao campo da educação em saúde.

Victoria Brant
Editora de Área